

COMPORTAMENTO DE ANIMAIS DE COMPANHIA DURANTE O DISTANCIAMENTO SOCIAL DEVIDO À PANDEMIA DE COVID-19

Jenny Smith Bajur Reis ¹; Joana Zafalon Ferreira ²; Karina Yukie Hirata ³

1 Jenny Smith Bajur Reis, Medicina Veterinária, IFMG Campus Bambuí, Bambuí - MG; jennysmithbr1@gmail.com

2 Orientador Joana Zafalon Ferreira, IFMG, Campus Bambuí; joana.zafalon@ifmg.edu.br

3 Orientador Karina Yukie Hirata: UFJF; karina.yukie@ufjf.br

RESUMO

Como uma forma de tentar conter a propagação do novo Coronavírus (SARS-CoV-2) e reduzir os impactos relacionados à transmissão da doença durante o enfrentamento da pandemia de COVID-19, diversos países, incluindo o Brasil, adotaram medidas de distanciamento social em diferentes intensidades, com ações como fechamento de escolas, cancelamento de eventos e bloqueio de fronteiras, além da implementação de outras medidas, como cuidados de higiene, uso de máscara e maiores investimentos em infraestrutura e saúde pública. Durante este período, o maior tempo em casa proporcionou uma convivência mais próxima e duradoura com membros da família e com os animais de estimação. Diante desse contexto, o objetivo desse estudo foi verificar o impacto do maior tempo de interação entre tutores e seus animais de companhia na saúde mental e bem-estar de ambos durante o distanciamento social. A coleta de dados foi realizada a partir da aplicação de questionário virtual padrão, divulgado em redes sociais, para grupos de interesse e contas relacionadas a animais de companhia de todo território brasileiro. A pesquisa contou com 405 respostas válidas, as quais foram submetidas à análise estatística descritiva. Constatou-se que houve mudança na rotina da maioria dos tutores e de seus animais de companhia durante esse período. A maior parte dos entrevistados observou que seus animais apresentaram novos comportamentos, sendo a carência a mais frequentemente relatada. Distúrbios comportamentais associados a fatores estressores foram relatados em pequena porcentagem, como agressividade, urinar ou defecar fora do local apropriado, mordedura, automutilação, falta de atenção a comandos, entre outros. Os transtornos de saúde mental pós-pandemia de COVID-19 foram frequentemente relatados por tutores de cães e gatos, e a presença de seus animais de companhia ajudou a amenizar as sensações e sentimentos ruins provocados nesse período. Diante disso, sugere-se que o maior tempo de convivência e interação dos tutores com seus animais de companhia pode ter sido benéfica para ambas as partes, apesar das mudanças ocasionadas pelo distanciamento social.

Palavras-chave: cão; gato; bem-estar animal

INTRODUÇÃO:

Durante o período de distanciamento social, o maior tempo em casa proporcionou uma convivência mais próxima e duradoura com membros da família e com os animais de estimação (OLIVA; JOHNSTON, 2020; SILVA et al., 2021; VINCENT et al., 2020). Nesse sentido, o convívio com cães e gatos durante um período em que o isolamento social se fez necessário tornou os benefícios dessa interação mais evidentes (OLIVA; JOHNSTON, 2020; VINCENT et al., 2020). O maior tempo de interação entre o tutor e seu animal podem contribuir para a redução dos níveis de estresse em cães e gatos (SILVA et al., 2021). Dessa forma,

aventou-se a hipótese de que a maior proximidade entre o tutor e seu animal de companhia durante o período de distanciamento social pudesse trazer benefícios mútuos, reduzindo a sensação de solidão do tutor e ofertando aos animais maior tempo de contato e qualidade de interação, o que contribuiu para redução de alterações comportamentais associadas ao estresse.

Considerando o contexto pandêmico de COVID-19 e o distanciamento social adotado desde o seu início, o presente estudo teve como objetivos avaliar se houve alteração na rotina dos tutores e seus animais de estimação, bem como no comportamento de cães e gatos nesse período. Além disso, avaliou-se o impacto da relação de maior tempo de interação entre tutores e seus animais de companhia na saúde mental e bem-estar de ambos durante o distanciamento social.

METODOLOGIA:

Devido ao contexto da pandemia de COVID-19 e as recomendações de distanciamento social, o presente estudo foi conduzido de forma remota, por meio de plataformas de coleta de dados online, visando a segurança e saúde dos pesquisadores e participantes. A coleta de dados foi realizada a partir da aplicação de questionário virtual padrão, criado e hospedado pela plataforma gratuita de formulários Google Forms®, o qual foi divulgado em diferentes redes sociais (ou seja, WhatsApp®, Instagram®, Facebook® entre outros) para grupos de interesse e contas relacionadas a animais de companhia de todo território brasileiro. As respostas foram coletadas do dia 04 de agosto ao dia 14 de novembro de 2021; utilizando um modelo de recrutamento do tipo *snowball* (bola de neve) (NADERIFAR et al., 2017; SILVA et al., 2021). Como critérios de inclusão, foram definidos ser tutor de um ou mais animais de companhia (cão e/ou gato) e ter adotado estes animais antes da pandemia, possuir idade igual ou superior a 18 anos e residir em território nacional.

Estabeleceu-se o delineamento amostral pelo método não probabilístico, por conveniência, utilizando intervalo de confiança de 95%, precisão absoluta de 5% e prevalência de 50% (THRUSFIELD, 2010). Considerando a população aproximada de cães e gatos no Brasil em torno de 78,1 milhões (54,2 milhões de cães e 23,9 milhões de gatos domiciliados) (INSTITUTO PET BRASIL, 2019), realizou-se cálculo do tamanho amostral corrigido pelo tamanho da população, com os limites desejados de confiança fixados.

Após aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos, o questionário foi amplamente divulgado em redes sociais, e os participantes foram convidados a contribuir de forma voluntária com a pesquisa. Os tutores foram esclarecidos sobre a pesquisa e, após confirmação de aceite do termo de consentimento livre esclarecido, foram direcionados para responder a questões objetivas de múltipla escolha e de fácil compreensão.

O questionário foi composto por duas etapas; a primeira abordando informações gerais sobre o tutor, como dados demográficos e aspectos psicossociais, idade, sexo, familiares, escolaridade, entre outros aspectos relacionados à sua experiência durante a pandemia; e a segunda etapa compreendendo possíveis alterações na rotina, no comportamento dos animais e a interação com o tutor no período de distanciamento social.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

No questionário aplicado considerou-se respostas expandidas para todas as espécies (tutores de cães, tutores de gatos e tutores de cães e gatos). A pesquisa contou com 405 respostas válidas, sendo que dos 26 estados brasileiros, este inquérito alcançou 20 estados. Apesar de ter sido amplamente divulgado para todo território nacional, a maioria dos participantes são de Minas Gerais, correspondendo a 52% (211/405) e São Paulo, representando 25% (101/405) das respostas.

Neste estudo, a maior parte dos participantes declarou que houve mudanças em suas rotinas após o início da pandemia de COVID-19; grande parte também alegou que a rotina dos seus animais de companhia mudou. Embora 53% dos participantes tenham relatado que não apresentavam alterações de saúde mental antes do início da pandemia de COVID-19, 98% deles expuseram que tiveram sensações ruins em algum momento durante a pandemia, com destaque para a ansiedade, relatada por muitos participantes, como também tristeza, angústia, mau humor, medo, tédio, irritabilidade, solidão, cansaço, mudanças de apetite, insônia entre outros. Para Barros et al. (2020), pessoas que precisaram respeitar a quarentena apresentaram alto índice de casos de ansiedade. Além disso, um estudo observou que o gênero feminino foi o mais afetado nessas condições (OZAMIZ-ETXEBARRIA et al., 2020), concordando com esta pesquisa. Embora tais sentimentos tenham sido relatados por quase a totalidade dos participantes, 91% deles acreditam que a presença de seus animais de companhia pode ter amenizado estes sentimentos ruins durante o período de distanciamento social.

Com a pandemia de COVID-19, vários brasileiros passaram a executar seu trabalho ou estudo em modo remoto (*home office* ou EAD). Segundo dados ofertados pelo último censo disponível (IBGE, 2020), pelo menos 11% dos trabalhadores deixaram seus trabalhos para trabalhar à distância. Os dados obtidos com esta pesquisa efetuada no ano de 2021 demonstraram que cerca de 64% (260/405) dos voluntários começaram a desenvolver atividades *home office* ou EAD, aumentando seu tempo em casa.

Segundo Soares et al. (2010), distúrbios comportamentais em animais domésticos vêm sendo cada dia mais relatado pelos tutores, sendo um dos principais a síndrome de ansiedade de separação em animais (SASA). Esta síndrome é caracterizada por comportamentos indesejados que os animais de companhia começam a apresentar quando são deixados sozinhos, como vocalização excessiva através de uivos, choros ou latidos, comportamento destrutivo, como roer ou arranhar objetos pessoais, micção e defecação em locais inapropriados e frequentemente em locais ou objetos da residência. Diante disso, neste estudo em que se observou maior tempo de convívio entre animais de companhia e seus tutores, proporcionado pelo distanciamento social recomendado durante a pandemia de COVID-19, 84% dos participantes relataram que o tempo com seus animais de companhia aumentou, o que poderia justificar os poucos relatos destes comportamentos. Desta forma, uma parcela importante dos entrevistados não identificou alterações comportamentais que pudessem sugerir a SASA, uma vez que 49% (199/405) dos tutores relataram que durante a pandemia seus animais não passaram a latir ou miar mais; 54% (220/405) não observaram comportamento de defecar ou urinar fora do local habitual; e por fim, também em uma grande parte dos voluntários, 70% (284/405) disseram que seus animais não começaram a arranhar ou morder objetos ou móveis.

De acordo com Horwitz e Neilson (2007), as lambeduras realizadas por cães e gatos podem ser sinais que expressam distúrbios comportamentais. Por exemplo, a lambedura excessiva dos membros pode

ser um sinal de estresse, enquanto a lambedura do chão pode ser um sinal de tédio. Cerca de 63% (257/405) dos tutores participantes desta pesquisa relataram que não notaram lambeduras excessivas em seus animais de companhia, fortalecendo o conceito de que a companhia do tutor pode trazer efeitos benéficos à saúde psicológica e comportamental destes animais. Em contrapartida, 25% (101/405) deles afirmaram que seus animais de companhia passaram a se lambem de forma exagerada, o que sugere que mudanças de rotina podem afetar o comportamento de alguns animais de diferentes formas, atuando em algumas situações como um fator estressante.

Segundo Virga (2007), o comportamento auto-direcionado é todo comportamento exercido pelo animal contra ele mesmo, de maneira intensa e insistente, desde lambeduras excessivas, coceiras e até a automutilação, sendo considerado um comportamento auto-ofensivo. Estes distúrbios são derivados normalmente da perturbação emocional, no organismo doente emocionalmente, em que ocorre a ativação e liberação de neurotransmissores que serão distribuídos por toda pele, podendo levar os animais a apresentarem coceiras, lambeduras e automutilação (mordeduras) frequentes. Neste inquérito houve poucos relatos de automutilação, apenas 5%; 93% dos tutores alegaram que não notaram estes comportamentos de se morder ou se machucar. Quanto à declaração de coceiras frequentes e intensas, nesta pesquisa, 81% não notaram este distúrbio, apenas 14% declararam ter notado coceiras. Desta forma, os animais de companhia de modo geral, não parecem ter passado por transtornos ou perturbações emocionais durante o período avaliado que promovessem distúrbios estressores expressados pela pele, sendo assim, um efeito positivo.

Em um inquérito realizado por Soares et al. (2010), foi evidenciada a agressão animal como principal queixa dos tutores com os médicos veterinários com relação a problemas comportamentais, sendo essa uma das principais causas de abandono e até eutanásia. No presente estudo, realizado com cenário pandêmico, pode-se observar resultados diferentes, visto que 85% dos tutores afirmaram que seus animais de companhia não passaram a ser mais agressivos, apenas 11% declararam que seus animais passaram a ser mais agressivos durante o período. Entretanto, deve-se considerar que os estudos foram realizados em condições diferentes e em populações diferentes.

Um estudo realizado por Oliveira (2016) observou que a maior causa de abandono de animais domésticos é a desobediência. Referente à possível falta de atenção a comandos e brincadeiras, neste estudo 78% (317/405) relataram que seus animais de companhia não apresentaram este tipo de comportamento, o que nos sugere que a maior interação pode ser um ponto positivo nessa situação.

Segundo Del-Claro (2004), as mudanças de rotina, estímulos, fatores estressores entre outros podem afetar diretamente no comportamento dos animais, influenciando nos hábitos de comer, dormir, e demais atividades exercidas pelos animais. Quando os tutores deste inquérito foram questionados se seus animais passaram a apresentar uma rotina de sono diferente, 46% dos animais observaram manutenção do hábito e tempo de sono, entretanto, 36% dos animais passaram a dormir mais durante o distanciamento. Já referente aos hábitos alimentares, 60% dos entrevistados alegaram que o hábito alimentar de seus pets continua igual, porém, 33% contaram que seus pets passaram a se alimentar mais e, conseqüentemente, cerca de 38% também apresentaram ganho de peso.

Fatores estressores, mesmo que temporários, podem ocasionar transtornos e interferências no crescimento dos pelos, assim como lambedura excessiva também pode ocasionar traumas no pelo e conseqüente perda de pelo (JUNIOR, 2013). Neste estudo, os voluntários declararam em sua maioria que

não notaram perda de pelos (47%), 15% declararam que seus animais passaram a apresentar essa alteração após o período de distanciamento, 17% já apresentavam e piorou e somente 3% tiveram redução da queda de pelos. Desta forma, é possível sugerir que a maior interação do tutor com seus pets não esteve relacionada à redução da queda de pelos, entretanto, não houve aumento expressivo no número de casos. É válido ressaltar que existem inúmeras outras condições que podem ser causadoras de queda de pelos, como doenças hereditárias, congênitas ou adquiridas, as quais não foram avaliadas neste estudo. Além disso, uma grande parte dos animais passa pela troca de pelos mais comumente na primavera e no outono, sendo que alguns podem sofrer esta troca de pelo durante todo o ano. Este estudo foi executado de agosto à dezembro, grande parte dele ocorreu no período de primavera (entre setembro e dezembro) e, portanto, os animais desta pesquisa podem estar realizando a troca de pelos que é comum na estação, o que possivelmente justificaria as porcentagens aqui encontradas. (MEDLEAU; HNILICA, 2003).

Neste inquérito, ficou evidente que os animais de companhia estão mais carentes e procuram mais pela companhia do tutor. A maior parte dos tutores entrevistados, cerca de 42%, relataram ter observado carência. Além disso, 19% alegaram que seus pets já eram carentes e ficaram ainda mais carentes durante esse período. O maior tempo de contato com seus tutores proporcionado pelo distanciamento social devido à pandemia de COVID-19 pode ter contribuído para o aumento dos níveis de carência dos animais. Silva et al. (2021) obtiveram resultados semelhantes, pois assim como neste estudo, muitos tutores observaram a carência em seus pets durante a pandemia. Faraco (2004) expõe que toda sociedade humana em convívio é capaz de constituir laços amorosos. Diante disso é possível considerar que a relação de maior tempo de interação humana com seus animais de companhia fortalece os sentimentos afetivos entre ambas as partes. Além disso, a carência pode gerar outros distúrbios comportamentais, principalmente a síndrome de ansiedade por separação quando estes animais precisam ficar afastados de seus tutores. Estes distúrbios podem vir acompanhados de sintomas comportamentais desagradáveis, que estão entre as principais motivações para abandono e até mesmo eutanásia. Tais comportamentos incluem destruição de objetos da casa, micção e defecação em local inapropriado, uivos e latidos exagerados, entre outros (SOARES et al., 2010). Nesse sentido, a manifestação desse tipo de comportamento pode caracterizar um ponto negativo que pode surgir como consequência do excesso de interação e maior tempo de convivência de humano-animal.

CONCLUSÕES:

Após o início do distanciamento social, a rotina da maioria dos tutores e de seus animais de companhia mudou muito, consequentemente afetando a saúde mental e comportamento de ambos. Os transtornos de saúde mental e emocional pós-pandemia de COVID-19 foram frequentemente relatados por tutores de cães e gatos, e a presença de seus animais de companhia ajudou a amenizar as sensações e sentimentos ruins provocados nesse período. Os animais de companhia passaram a apresentar novos comportamentos, sendo a carência e a busca por companhia os mais frequentes, possivelmente pelo aumento do tempo de convívio e interação entre tutor e animal. Em contrapartida, distúrbios comportamentais que normalmente se apresentam frente a fatores estressores, foram pouco relatados, o que sugere que essa maior interação pode ter sido benéfica para ambas as partes. Serão necessárias futuras pesquisas para avaliar como será o possível impacto frente ao término total do distanciamento social e retomada de rotina dos tutores, uma vez que a diminuição do tempo de convívio e interação com o tutor pode aumentar os casos de síndrome de ansiedade de separação em animais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARROS, M. B. A.; LIMA, M. G., MALTA, D. C.; SZWARCOWALD, C. L.; AZEVEDO, R. C. S.; ROMERO, D.; SOUZA JÚNIOR, P. R. B.; AZEVEDO, L. O.; MACHADO, I. E.; DAMACENA, G. N.; GOMES, C. S.; WERNECK, A. O.; SILVA, D. R. P.; PINA, M. F.; GRACIE, R. Reportonsadness/depression, nervousness/anxietyand sleep problems in the Brazilian adult population during the COVID-19 pandemic. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, v. 29, n. 4, p. 1-12, 2020.

DEL-CLARO, K.; PREZOTO, F.; SABINO, J. *Comportamento animal: Uma introdução à Ecologia Comportamental*. [S. l.]: Jundiaí: Livraria Conceito, 2004.

DIVINO, L. D. A. PANDEMIA E O CRESCENTE AUMENTO NA ADOÇÃO DE ANIMAIS DOMÉSTICOS. *Revista Gestão & Tecnologia*, [S. l.], p. 33-35, 2 jul. 2020. Disponível em: <http://faculadadedelta.edu.br/revistas3/index.php/gt/article/view/46/37>. Acesso em: 18 dez. 2021.

FARACO, C. B.; SEMINOTTI, N. A relação homem-animal e a prática veterinária. *Revista CFMV*, v. 10, n. 32, p. 57-62, 2004.

HORWITZ, D. F.; NEILSON, J. C. *Comportamento canino e felino*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *CENSO 2020. Inovações e impactos nos sistemas de informações e estatística e geográfica do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

INSTITUTO PET BRASIL. *Censo Pet: 139,3 milhões de animais de estimação no Brasil. 2019*. Disponível em: <http://institutopetbrasil.com/imprensa/censo-pet-1393-milhoes-de-animais-de-estimacao-no-brasil/> Acesso em: 20abr. 2021.

JUNIOR, A. P. M., Heinemann, M. B., Garcia, S. K., Drumond, Â. M. L., & Editora, M. V. Z. *CADERNOS TÉCNICOS DE VETERINÁRIA E ZOOTECNIA: Dermatologia em cães e gatos*, 2013.

MEDLEAU, L.; HNILICA, K. A. Alopecias Hereditárias, Congênitas e Adquiridas: *DERMATOLOGIA de pequenos animais: Atlas colorido e guia terapêutico*: Roca LTDA, 2003. cap. 10, p. 181-195.

NADERIFAR, M.; GOLI, H.; GHALJAIE, F. Snowball Sampling: A Purposeful Methodof Sampling in Qualitative Research. *Strides in Developmentof Medical Education*, v. 14, n. 3, p. 1-6, 2017.

OLIVA, J. L.; JOHNSTON, K. L. Puppy love in the time of Corona: Dog ownership protects Against loneliness for those living alone during the COVID-19 lockdown. *International Journal of Social Psychiatry*, p. 1-11, 2020.

OZAMIZ-ETXEBARRIA, N.; DOSIL-SANTAMARIA, M.; PICAZA-GORROCHATEGUI, M.; IDOIGA-MONDRAGON, N. Niveles de estrés, ansiedad y depresión en la primera fase del brote del COVID-19 en una muestra recogida en el norte de España. *Cad. Saúde Pública* 36 (4), [S. l.], p. 1-36, 30 abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/0102-311X00054020>. Disponível em:

SILVA, W. C.; SANTAS, G. S.; BARBOS, A. V. C.; SILVA, J. A. R. Tutors' perception of the behavior of dogs and cats in the face of social isolation due to the COVID-19 pandemic. *Revista Acadêmica Ciência Animal*, v. 19, p. 1-9, 2021.

SOARES, G. M.; PEREIRA, J. T.; PAIXÃO, R. L. Estudo exploratório da síndrome de ansiedade de separação em cães de apartamento. *Clínica e Cirurgia. Cienc. Rural* 40 (3), maio 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/cr/a/YFdxsTFZnztHtH7RxfR7cXM/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 dez. 2021.

THRUSFIELD, M. *Veterinary Epidemiology*. 3 ed. 4 impr. Oxford: Blackwell Science, 2010. 610p.



ISSN: 2358-6052

ISSN 2558-6052

VINCENT, A.; MAMZER, H.; NG, Z.; FARKAS, K. J. People and the irpets in the times of the COVID-19 pandemic. Society Register, v. 4, n. 3, p. 111-128, 2020.